

## **Aulas de música na pandemia: narrativas de indígenas acadêmicos**

### **Apinajé**

### **Comunicação**

*Mara Pereira da Silva*  
*Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)*  
*pereiracantora1@hotmail.com*

**Resumo:** Esta comunicação aborda a presença de indígenas no Ensino Superior e é um recorte de uma pesquisa de doutoramento já concluída. A investigação analisou as percepções dos acadêmicos Apinajé sobre suas relações interculturais no curso de Licenciatura em Educação do Campo – Linguagens e Códigos: Artes (Artes Visuais, Artes Cênicas e Música). A metodologia utilizada foi História Oral, com as entrevistas de história oral servindo como principal fonte de coleta de dados. O recorte que faço nesse artigo parte das análises, especificamente o quinto bloco de questões temáticas, denominado ‘Aulas em Tempo da pandemia da COVID 19’. Os resultados revelam que estudar durante a pandemia foi especialmente desafiador para os estudantes indígenas devido à falta de acesso à internet, instrumentos musicais, computadores, celulares e alternância pedagógica. Essas dificuldades resultaram em ausências nas aulas remotas, reprovação nas disciplinas e, conseqüentemente, atrasos na realização do sonho de se formarem.

**Palavras-chave:** Música no Ensino Superior, Indígenas acadêmicos Apinajé, História Oral.

### **Introdução**

A pandemia de COVID-19 gerou impactos significativos em diversas áreas, incluindo a educação, particularmente o ensino superior. Em resposta à crise, o Estado foi obrigado a implementar em certos locais, conforme a evolução do vírus, medidas como lockdown, isolamento social, sem um planejamento abrangente a nível global ou nacional. Essas ações foram adotadas com o objetivo de reduzir o contágio e a disseminação do vírus.

O artigo é fruto da pesquisa de doutorado concluída que foi desenvolvida durante esse cenário de crise e teve como objetivo geral investigar as percepções dos acadêmicos Apinajé sobre suas relações interculturais no Curso de Licenciatura em Educação do Campo

– Linguagens e Códigos: Artes (Artes Visuais, Artes Cênicas e Música) na Universidade Federal do Norte do Tocantins, centro de Tocantinópolis.

A Licenciatura em Educação do Campo - Artes tem como objetivo proporcionar uma formação superior específica, voltada para a ampliação da oferta de Educação Básica nas comunidades rurais. O curso busca atender à demanda existente no campo, onde há uma escassez de professores qualificados para diversas áreas, incluindo Artes Visuais, Artes Cênicas e Música, além de contribuir para a superação das desvantagens educacionais, respeitando os princípios de igualdade, gratuidade e condições de acesso (UFNT, 2023).

A LEdoC opera de forma regular e adota a Pedagogia da Alternância, conforme descrito no Projeto Pedagógico do Curso (UFNT, 2023). Esta pedagogia envolve uma mudança de ambientes em que, em ambos os contextos, é essencial a presença do professor. Caracteriza-se como uma pedagogia voltada para adultos, uma vez que promove o desenvolvimento "socioprofissional" do aluno (GIMONET, 1998). Segundo Gimonet, "[...] parte da experiência da vida cotidiana (familiar, profissional, social) para chegar à teoria, aos conhecimentos dos programas acadêmicos, para, em seguida, retornar à experiência, e assim por diante" (GIMONET, 2007, p.16).

Os Apinajé têm mantido contato com a sociedade brasileira desde o século XVII, quando os jesuítas iniciaram missões focadas em deslocar indígenas para aldeias situadas no estado do Pará. Pertencentes ao tronco Macro-Jê e à família linguística Jê (RODRIGUES, 1986), os Apinajé foram identificados por Curt Nimuendajú (1983) como parte dos povos Timbiras.

Atualmente, os Apinajé vivem nas proximidades dos rios Tocantins e Araguaia, cercados pelas cidades de Tocantinópolis, Maurilândia, São Bento do Tocantins, Itaguatins, Cachoeirinha e Nazaré, na região conhecida como Bico do Papagaio.

Os estudantes Apinajé que participaram da pesquisa fazem parte do Curso de Licenciatura em Educação do Campo – Linguagens e Códigos: Artes (Artes Visuais, Artes Cênicas e Música), têm idades entre 21 e 37 anos, e frequentam as aulas de música. A matriz curricular do curso foi revisada em 2019; anteriormente, o currículo incluía doze disciplinas

obrigatórias de música e uma optativa. No currículo atual, há sete disciplinas obrigatórias e três optativas na área de música.

Os caminhos metodológicos para se alcançar os objetivos da pesquisa se valeram da História Oral utilizando como fonte para a coleta dos dados as entrevistas de história oral, possibilitando a ampliação de questões teórico metodológicas relacionadas à produção de diversas áreas do conhecimento. Para Thompson (2002, p. 10) “[...] ela é um método que sempre foi essencialmente interdisciplinar, um caminho cruzado entre sociólogos, antropólogos, historiadores, estudantes de literatura e cultura, e assim por diante”.

A história oral é interdisciplinar, podendo também ter um vínculo perfeito com as tecnologias, rompendo fronteiras dos espaços do conhecimento, ou seja, pode ser usada em qualquer campo do saber. No contexto brasileiro, essa metodologia tem crescido de forma significativa, gerando uma vasta produção acadêmica pelos pesquisadores de diversas áreas.

Paul Thompson (1992), ao escrever sobre a entrevista de história oral, afirma que, para o entrevistador alcance sucesso, nessa empreitada, se fazem necessárias habilidades, que perpassam por conversas informais e amigáveis, por estilos mais formais e controlados. Para ele, o bom entrevistador se vale desses dois métodos, pois geram bons resultados, harmonizando com sua personalidade. Assim, nessa pesquisa foram utilizados tanto os formais como os informais. Thompson apresenta algumas habilidades que o entrevistador de sucesso deve possuir: “[...] interesse e respeito pelos outros como pessoas e flexibilidade nas reações em relação a eles; capacidade de demonstrar compreensão e simpatia pela opinião deles; e, acima de tudo disposição para ficar calado e escutar” (THOMPSON, 1992, p. 254). Uma postura semelhante a apresentada por ele, é a que adotamos durante a pesquisa.

Trata-se de pesquisa desenvolvida no campo dos Estudos Culturais (HALL, 2013) que é uma área de estudo interdisciplinar e, ao mesmo tempo, antidisciplinar, pois como nos diz Silva (2013, p.8) “[...] se aproveitam de quaisquer campos que forem necessários para produzir o conhecimento exigido por um projeto particular”.

O estudo focalizou, mais especificamente, nos Estudos Culturais em educação (SILVA, 2013), considerando o que foi apresentado por Giroux (2013, p.87) de que eles “[...]

significam um afastamento enorme em relação às narrativas mestras eurocêntricas, ao conhecimento disciplinar, à alta cultura, ao cientificismo e a outros legados inspirados pela diversificada herança do modernismo”. Esse autor apresenta três importantes pressupostos para os parâmetros e cartografia desse afastamento. Primeiramente que “[...] as disciplinas acadêmicas estabelecidas não podem dar conta da grande diversidade de fenômenos culturais e sociais que caracterizam um mundo pós-industrial cada vez mais hibridizado” (GIROUX, 2013, p.87).

Os caminhos metodológicos adotados para atingir os objetivos da pesquisa basearam-se na História Oral, utilizando entrevistas de história oral como principal fonte de coleta de dados. Essa abordagem permitiu a expansão das questões teórico-metodológicas em diversas áreas do conhecimento. Segundo Thompson (2002, p. 10), “[...] a História Oral é um método essencialmente interdisciplinar, um ponto de convergência entre sociólogos, antropólogos, historiadores, estudantes de literatura e cultura, entre outros”.

A História Oral, por sua natureza interdisciplinar, pode ser perfeitamente integrada às tecnologias, ultrapassando as fronteiras do conhecimento e sendo aplicável em qualquer campo do saber. No Brasil, essa metodologia tem se expandido consideravelmente, resultando em uma produção acadêmica robusta em várias disciplinas.

Paul Thompson (1992), ao discutir o processo de entrevista em História Oral, enfatiza que o sucesso do entrevistador depende de habilidades que vão desde conversas informais e amigáveis até estilos mais formais e controlados. Para ele, um bom entrevistador combina esses métodos de acordo com sua personalidade, o que tende a gerar os melhores resultados. Na pesquisa em questão, utilizamos tanto abordagens formais quanto informais. Thompson destaca algumas competências essenciais para um entrevistador bem-sucedido: “[...] interesse e respeito pelos outros como pessoas, flexibilidade nas reações, capacidade de demonstrar compreensão e empatia pelas opiniões dos entrevistados e, acima de tudo, disposição para ouvir em silêncio” (THOMPSON, 1992, p. 254). Esse foi o tipo de postura que adotamos durante a realização da pesquisa.

A pesquisa foi desenvolvida no campo dos Estudos Culturais (HALL, 2013), que é uma área interdisciplinar e, ao mesmo tempo, antidisciplinar. Como destaca Silva (2013, p.8), “[...] os Estudos Culturais se aproveitam de quaisquer campos que forem necessários para

produzir o conhecimento exigido por um projeto particular". O estudo concentrou-se especificamente nos Estudos Culturais em educação (SILVA, 2013), seguindo a ideia apresentada por Giroux (2013, p.87) de que esses estudos,

[...] representam um afastamento significativo das narrativas mestras eurocêntricas, do conhecimento disciplinar, da alta cultura, do cientificismo e de outros legados da modernidade". Giroux propõe três pressupostos fundamentais para mapear esse afastamento, destacando que "[...] as disciplinas acadêmicas estabelecidas não conseguem abranger a grande diversidade de fenômenos culturais e sociais que caracterizam um mundo pós-industrial cada vez mais hibridizado (GIROUX, 2013, p.87).

Em segundo plano, quanto ao papel da cultura midiática, que para os defensores dos Estudos Culturais "[...] é central para compreender como a dinâmica do poder, do privilégio e do desejo social estrutura a vida cotidiana de uma sociedade" (GIROUX, 2013, p.87-88). E, por fim, "[...] além de ampliar os termos e os parâmetros da aprendizagem, os Estudos Culturais rejeitam o discurso alienante e frequentemente elitista do profissionalismo e de uma expertise asséptica" (GIROUX, 2013, p.89).

Os Estudos Culturais em educação abordam questões sobre os tipos de conhecimentos produzidos nas universidades e "[...] como esses conhecimentos podem contribuir para fortalecer e aprofundar a vida pública democrática" (GIROUX, 2013, p.89). Segundo Giroux(2013), é essencial democratizar as escolas para "[...] capacitar grupos sub-representados ou completamente excluídos do currículo a criar suas próprias identidades, contar suas próprias histórias e participar de um diálogo respeitoso com outros grupos" (GIROUX, 2013, p.89-90).

Nesta comunicação, nossa contribuição centra-se na síntese de parte das análises, especificamente o quinto bloco de questões temáticas, intitulado 'Aulas em tempos da pandemia da COVID-19'.

## **Aulas de música em tempos da pandemia da COVID 19**

A música tem sido uma parte fundamental de todas as culturas, servindo como uma forma de expressão artística por meio dos sons. Ela é uma atividade essencialmente humana,

rica em expressões, significados e criatividade, abrindo portas para compreender o que o outro tem a oferecer.

O fenômeno musical é tão antigo quanto a própria humanidade. Desde os primórdios, o ser humano utilizou os sons como forma de comunicação. Para Hans-Joachim Koellreutter (2018, p. 127), a música "[...] é um meio de comunicação, um veículo para transmitir ideias e pensamentos, o que foi pesquisado, descoberto ou inventado, utilizando um sistema de sinais sonoros". De acordo com Brito (2015, p. 50-51), a música "[...] reflete os pensamentos e sentimentos de um povo em uma determinada época histórica." Dessa forma, ela contribui para a formação integral do indivíduo, sendo a Educação Musical voltada para o desenvolvimento humano.

Segundo dados da UNESCO (2020), a COVID-19 interrompeu a educação presencial de 1,57 bilhão de estudantes em escolas e universidades, em 191 países. No Brasil, essa situação não foi diferente. Estudantes de todos os níveis e áreas, incluindo a música, foram afetados por essa interrupção.

A suspensão das aulas presenciais, devido à necessidade de distanciamento social, levou ao surgimento de uma nova forma de ensino, conhecida como ensino remoto. No caso da LEdoC em estudo, essa nova dinâmica substituiu temporariamente a Alternância Pedagógica durante a pandemia.

O ensino remoto é caracterizado por se transmitir as aulas em tempo real, para Motin & Et. Al.,

A proposta é que professor e estudantes de uma turma tenham interações nos mesmos horários em que as aulas da disciplina ocorriam no modelo presencial. Com esta dinâmica é possível ser mantida a rotina de sala de aula em um ambiente virtual acessado por cada um, em diferentes localidades. Para as aulas remotas, se faz necessário o uso de plataformas digitais para esse encontro por “telas”. (MOTIN & ET. AL., 2020, p.248).

Para Motin (2020, p. 248), as aulas do ensino remoto podem ser completadas “[...] por períodos síncronos, ou seja, que acontecem no momento exato, por exemplo, no

instante em que o estudante faz uma pergunta no chat e durante este mesmo espaço de tempo o professor tem a oportunidade de respondê-la”. Segundo ele, existem também os “[...] momentos assíncronos, ou seja, o professor e alunos estão desconectados daquele tempo e espaço, como por exemplo, quando o estudante precisa resolver e entregar um exercício até um determinado dia, pré-agendado” (MOTIN, 2020, p. 249).

O colaborador A, jovem de (21) anos, nasceu na aldeia São José, e mora lá atualmente. Entre seu povo, ele exerce a atividade de monitoramento dos indígenas para não entrarem com bebidas alcoólicas dentro de suas terras. Segundo ele, esse grupo já existe há quatro anos e a ideia partiu dos próprios jovens. Sobre as aulas de música em tempos de pandemia, narrou:

É... realmente a gente teve aula on line através da internet presencial. Mas só que eu não tive tempo pra participar dessas aulas, é..não tive tempo pra participar dessas aulas de música, então deixei quieto, deixei quieto mesmo, estava fazendo outras coisas, estava fazendo a minha casa ainda também nesses tempos de pandemia, estava fazendo minha casa aí... e acabei não fazendo as aulas presenciais que teve né! Agora vai iniciar de novo no mês de março. Nesse... nesse momento agora eu vou... nesse momento agora eu vou participar. Eu vou participar dessas aulas, participar todos os dias agora pra... pra recuperar a minha nota (COLABORADOR A, 2021).

O colaborador A justifica sua ausência às aulas no período da pandemia por está construindo uma nova casa na aldeia São José. Sua narrativa evidencia a situação de muitos estudantes e trabalhadores que tiveram de se adaptar com a rotina de estudos e os trabalhos domésticos durante a COVID 19. Sem contar os que não têm um ambiente adequado para estudar e estarem afastados uns dos outros na pandemia, para se adequarem ao que foi orientado pelo Ministério da Saúde.

Isso nos leva a pensar nas desigualdades existentes em nosso país que é reflexo do capitalismo. No caso do Brasil, enquanto muitos puderam ficar nas suas casas em quartos separados como forma de se proteger do vírus, em outros locais as pessoas nem casa tinham para morar ou dividiram quartos pequenos com parentes e amigos. O colaborador A, além de ter que conviver com o problema da pandemia, ainda teve que se preocupar em construir sua residência o que impossibilitou de frequentar as aulas.

A pandemia ainda desencadeou outros males sociais como o desemprego, a fome, miséria, falta de moradia, tendo atingido principalmente as classes mais baixas da sociedade, os colonizados, ocasionando a perda da qualidade de vida.

Enquanto os colonizados passavam por essa situação, os colonos continuavam morando em suas mansões, andando em carros de luxo, frequentando os lugares mais caros, ostentando a partir da exploração da classe trabalhadora.

Os colonos continuaram dentro das suas casas com internet e Netflix, enquanto os colonizados nem energia tinham por não poderem quitar suas dívidas diante das prestadoras de serviços. Essa é uma das características do universo colonizado que tem um “Mundo compartimentado, maniqueísta, imóvel, mundo de estatuas (...) Mundo seguro de si, que esmaga com suas pedras os lombos esfolados pelo chicote” (FANON, 1968, p. 39).

Essa desigualdade social foi bem perceptível nos alunos da LEdoC que não tinham Wifi e tiveram dificuldades para participar das aulas remotas. A universidade deu um chip de dados durante um certo tempo, mas depois foi cortado. Mesmo com o chip foram prejudicados quanto a conexão pelo fato de morarem em áreas distantes da cidade, dificultando o acesso.

Outras dificuldades relatadas por A durante a pandemia refere-se a falta de violão e celular que antes ele não tinha, o que dificultou gravar um vídeo solicitado pelo professor. Entre tantos embaraços ele conseguiu gravar mais não enviar.

Sim, eu praticava é uma música né pra... pra gravar um vídeo e mandar pra o professor que ele estava precisando. Então eu gravei um pequeno vídeo. Um pequeno mesmo pra mandar pra ele, é de violão né. Eu tava tocando um... Eu escolhi uma música, ele pediu é uma música dos brancos né. Eu escolhi uma música aí, aí eu tava praticando mas... E também outra coisa o violão não é meu aí fica muito difícil pra gravar esse vídeo. Eu não tenho um violão também aí fica difícil de gravar com esse instrumento. Celular eu já tenho agora... instrumento musical eu não tenho, ainda porque fica muito difícil pra mim gravar esse vídeo pra ele, mas eu gravei um pequeno vídeo e quero mandar pra ele, eu vou mandar pra ele (COLABORADOR A, 2021).

Entende-se que o colaborador A recebeu esse encaminhamento no Tempo Universidade (T. U.) para ser feito no Tempo Comunidade (T. C.). Porém com a pandemia ele não enviou e nem retornou para o próximo justamente por ter acontecido de forma remota e ele está fazendo sua casa, como relatado pelo colaborador anteriormente.

As dificuldades enfrentadas por estudantes que entram na universidade, principalmente por meio das cotas, é fato constante nas universidades brasileiras. Nesse período de pandemia, os desafios citados por A têm se acentuado ainda mais. De acordo com Louro e Souza (2013, p.13), para “[...] os estudantes que têm o acesso à universidade garantido pelas cotas raciais ou sociais demandam a garantia das condições mínimas para que possam se manter nos cursos, tais como transporte, alimentação, moradia e compra de material didático”. E quando esse aluno cursa uma área que exige materiais específicos, as barreiras se intensificam ainda mais.

De acordo com Louro e Souza (2013, p.13) “Esses problemas são comuns aos cursos de graduação, embora os estudantes de música possuam ainda outras necessidades específicas, como a compra de instrumentos musicais e acessórios ou ainda o acesso a instrumentos para o estudo diário”. Estudantes de música que moram nas grandes cidades têm dificuldades para adquirir instrumentos musicais, os que moram nas áreas rurais como indígenas, quilombolas, camponeses e outros tem mais ainda.

Nesse contexto temos como exemplo a cidade de Tocantinópolis, que não possui, atualmente, nem uma loja específica de instrumentos musicais. No comércio local, você consegue encontrar alguma coisa com preços exorbitantes. Além disso, devido ao tempo que o instrumento está exposto, muitos já precisam de reparos.

Assim, mesmo você tendo o dinheiro, muitas vezes não consegue adquirir o que você deseja tendo de se dirigir a cidades que ficam no mínimo 100 km, como Imperatriz- MA e Araguaína – TO, para poder comprar algo musical como instrumentos e acessórios.

A universidade já possui alguns instrumentos musicais em seu espaço educacional, mas, em tempos sombrios, as aulas aconteceram por modo remoto, então esses alunos não tiveram acesso ao instrumental do curso. Para minimizar essa realidade, é mister pensar em

práticas musicais nas quais sejam utilizados instrumentos musicais característicos de cada povo representado no curso.

É mister informar que as primeiras turmas que se formaram no curso não tiveram acesso aos instrumentos da universidade pois não existia. Para ter alguma aula prática, os acadêmicos ou os professores de música levavam seus próprios instrumentos musicais. Essa era a única forma de se ter uma atividade musical com uso de instrumental.

O colaborador B, ao contrário de A, não realizou práticas musicais durante o período pandêmico, nem de forma individual. A esperança do colaborador durante sua entrevista no cenário complicado da pandemia, foi de que a situação se amenizasse e ele pudesse organizar uma festa cultural na sua aldeia.

Nesse contexto das aulas de música durante a pandemia, o colaborador B fala, também, das desigualdades sociais entre quem mora na cidade e no campo.

E a respeito da aula né, da aula remota né acho que é... aqueles que moram na cidade né, eu, eu, eu, eu acho né tem sido fácil pra eles porque nos lares desse pessoal tem empresa né, empresa de internet né facilita um pouco mas pra nós não, pra nós tem sido muito difícil mesmo. A gente quase não acompanha nada né. E... e é isso. Acho que pra melhorar sobre... é sobre a nossa questão na, na, na comunidade, nessa pandemia né, a verdade é que eu não sei ainda mas acho que as pessoas que ficam por lá né é eles que devem pensar mais sobre isso ne e a gente é..., e a gente pode está ajudando eles né pra fazer essa melhoria pra nós aqui na comunidade nessa pandemia. Eu praticamente quase não aprendi nada nessa aula remota. É isso, (COLABORADOR B, 2021).

Em se tratando da cidade de Tocantinópolis, o colaborador B tem razão. Muitos estudantes não indígenas têm rede de wifi por meio de planos de operadoras que atuam através de rádio, fibra ótica e outros. Isso remete ao que Fanon (1968) aponta em relação as diferenças que existem no mundo colonizado em que a cidade do colono se opõe a do colonizador em relação a aspectos econômicos, sociais, raça.

No caso da indígena mulher acadêmica colaboradora C, moradora da Aldeia São José, de 37 anos, em relação às aulas on line no período da pandemia COVID -19, considerou

muito difícil para a aprendizagem, pois, segundo ela é bem diferente do Tempo Universidade.

Ela disse,

Nessa época de pandemia a gente está fazendo só essa aula on line ai fica muito difícil pra gente aprender um pouco. É bem diferente do tempo universidade. Já é bem diferente [...]. Agente começa às 8 e termina as 12 é corrido demais a gente quase não aprende nada. O professor mandava alguns trabalhos, a gente faz e manda pelo privado e fica assim muito difícil pra gente aqui na aldeia. Passa alguns trabalhos a gente faz e manda e participar das aulas também (COLABORADORA C, 2021).

O Tempo Universidade passa a ser significativo na vida da colaboradora pelo fato de ter contato presencial com os professores em vez do espaço virtual. Durante o período da pandemia, a prática musical que C se recorda ter feito na aldeia é da disciplina Música Ocidental que, segundo ela, o professor enviou áudios sobre esse estilo musical para ouvir, ou seja, foi um momento voltado mais para a apreciação musical e não a prática de um instrumento como o violão.

As dificuldades apresentadas por C, em relação às aulas remotas e à ausência da alternância pedagógica, também foram apontadas pelos demais colaboradores A e B. No caso do colaborador D, nascido na Aldeia São José e residindo hoje na Cocal Grande, com 30 anos de idade, um dos primeiros entrevistados da pesquisa, não chegou a narrar sobre as aulas em tempos pandêmicos pois na época que foi entrevistado a pesquisadora ainda não tinha colocado esse tópico, e devido a pandemia, e as práticas de distanciamentos, não foi mais possível manter contato com ele no período de coleta dos dados, talvez tenha trocado de número de celular ou ficado completamente isolado e sem internet.

## **Algumas compreensões**

A oferta de disciplinas por meio do ensino remoto, é uma das dificuldades que foram enfrentadas pelos indígenas acadêmicos Apinajé no contexto da pandemia da COVID 19, pois não conseguiram acompanhar as aulas de forma efetiva, principalmente pela precariedade ou ausência de internet em suas aldeias.

Estudar em tempos de pandemia foi um desafio para os indígenas estudantes justamente por falta de internet, instrumentos musicais, computadores e aparelho celular. Nesses aspectos os estudantes não indígenas levaram vantagens por estarem na maioria das vezes dentro da cidade o que facilitava a conexão.

Eles também sentiram a ausência da Alternância Pedagógica em que se configura a presença do professor para auxiliá-los em suas atividades no Tempo Universidade como também no Tempo Comunidade.

Esses fatores ocasionaram consequências pós pandemia como reprovação e repetência de disciplinas e que caso a pandemia durasse mais tempo poderia ter levado esses estudantes a evasão, ou seja, desistiriam do curso.

Mesmo continuando os estudos as reprovações e repetências distanciaram esses indígenas acadêmicos de seus sonhos que é se formar, pois agora precisam ficar por mais tempo na academia para a total conclusão do curso.



02 a 05 de dezembro de 2024  
Boa Vista - Roraima | Universidade Federal de Roraima



[www.abem.mus.br](http://www.abem.mus.br)

## Referências

BRITO, Teca Alencar de. Hans-Joachim Koellreutter: ideias de mundo, de música, de educação. São Paulo: Petrópolis; Edusp, 2015.

FANON, Frantz. Os condenados da Terra. Prefácio de Jean Paul Sartre. Tradução de José Laurêncio de Melo. Editora Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1968.

GIMONET, Jean-Claude. Praticar e compreender a pedagogia da alternância dos CEFFAs. Petrópolis, RJ: Vozes, Paris: AIMFR – Associação Internacional dos Movimentos Familiares e de Formação Rural, 2007.

GIROUX, Henri A. Praticando estudos culturais nas faculdades de educação. Alienígenas na Sala de Aula: uma introdução aos estudos culturais em educação. Tomaz Tadeu da Silva (Org.). 11. Ed., - Petrópolis, RJ: Vozes, 2013 – (Coleção Estudos Culturais em Educação).

HALL, Stuart. Da diáspora: Identidades e mediações culturais. 2ª Ed. Editora UFMG: Belo Horizonte, 2013.

KOELLREUTTER, Hans J. Educação e cultura em um mundo aberto como contribuição para Promover a paz. In: Educação Musical: Cadernos de estudo [recurso eletrônico]: educação musical: especial Koellreutter / organização: Carlos Kater. – São João Del Rei: Fundação Koellreutter, 2018.

LOURO, Ana Lúcia; SOUZA, Jusamara. Educação musical, cotidiano e ensino superior. /Organizado por Ana Lúcia Louro e Jusamara Souza. – Porto Alegre: Tomo Editorial, 2013.

MOTIN, Mara Francieli; MORAES, Gezelda Christiane; BASTOS, Izabela Patrício; BUSATO, Rodrigo; ALES, Vanessa Terezinha. O ensino remoto de disciplinas do eixo da matemática em tempos de pandemia. Desafios da educação em tempos de pandemia /organizadores: Janete Palú, Jenerton Arlan Schütz, Leandro Mayer. - Cruz Alta: Ilustração, 2020. P. 247-p.260.

NIMUENDAJÚ, Curt. Os Apinayé. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1983.

RODRIGUES, Aryon Dall'igna. Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Loyola, 1986.

SILVA, M. P. da. Percepções de acadêmicos Apinajé sobre suas experiências interculturais no curso de educação do campo da UFT/ Tocantinópolis. 2022. 235 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Letras Ensino de Língua e Literatura, Universidade Federal do Tocantins, Araguaina, 2023.

SILVA, Tadeu da. Alienígenas na Sala de Aula: uma introdução aos estudos culturais em educação. Tomaz Tadeu da Silva (Org.). 11. Ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2013 – (Coleção Estudos Culturais em Educação).

THOMPSON, Paul. A voz do passado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. 385 p.



EDUCAÇÃO MUSICAL, MUNDO DO TRABALHO E A  
CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE DEMOCRÁTICA



**abem**

Associação Brasileira  
de Educação Musical

UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS. Projeto Político Pedagógico do  
Curso de Educação do Campo (PPP) – Artes (Artes visuais, Artes Cênicas e Música),  
Tocantinópolis, 2023.

02 a 05 de dezembro de 2024  
Boa Vista - Roraima | Universidade Federal de Roraima



[www.abem.mus.br](http://www.abem.mus.br)